



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

16 de Janeiro de 2010 • Ano LXVI • N.º 1718
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



A OBRA DA RUA EM ANO SACERDOTAL

Padre João

POR estes dias, os primeiros de Janeiro, a Obra da Rua celebra mais um aniversário do seu nascimento. Baptizada por Pai Américo como «da Rua...» é, de facto, na «Rua» que ela realiza a sua vocação. «*As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração*».

A Igreja é Mãe. A Obra da Rua participa da Sua maternidade. Fiel a essa vocação, vive em permanentes «dores de parto». Aonde houver dor e sofrimento, aí o lugar da Igreja. Na fidelidade à Igreja — Lugar especializado na realização da Caridade — aí a Obra da Rua, na sua forma própria; de forma solidária, de mãos dadas para «inventar» e implantar

na cidade dos homens o grandioso projecto da Caridade.

A Obra da Rua nasceu no coração de um sacerdote, o Padre Américo, como um desafio em que Deus toma a dianteira e o homem se deixa impelir, na Fé, não se considerando totalmente necessário: «É preciso pôr Deus no Seu lugar...», recorda Pai Américo.

O lugar imprescindível é o de Deus; «do Santíssimo Nome de Jesus». É sob esse Nome, da Pessoa de Jesus Cristo que ela toda se assenta, na busca e no amparo dos mais fracos e excluídos — os predilectos do Senhor. Tudo o mais é transitório e inconsistente.

No Ano Europeu de Luta Contra a Pobreza e a Exclusão Social, nós queremos afirmar que adoptamos, uns e outros, os pobres e os excluídos, na esteira sacerdotal de Pai Américo, como nossa herança na fidelidade a Cristo e à Sua Igreja.

Neste ano Sacerdotal, pedimos

humildemente ao Senhor, Sacerdote Eterno do Pai, que proteja e fecunde a Obra da Rua com a unção do Espírito, tanto aos que a servem na santidade baptismal — são uma multidão — como aos que a ela se dedicam laboriosamente, no escondimento das suas vidas, no ministério sacerdotal.

Que uns e outros nela aprendam a intuir e a saborear o suave perfume da Caridade e do Amor de Cristo Servo e Senhor. □

PENSAMENTO

Senhor dos Céus, quantos valores perdidos! Criaturas Vossas. Melhor: filhos adoptivos! Quantas estrelas que o mundo apaga e o amor acende — quantas!

Pai Américo

Campanha de Assinaturas

NÃO há dúvida de que O GAIATO é um instrumento de comunicação que não tem de envergonhar-se perante os prodígios das *tecnologias de ponta* neste domínio. Ele é um comunicador nato. E do lado de lá, há quase sempre um receptor atento e reactivo que responde às mensagens, geralmente provocadoras de um desassossego salutar que as carências e injustiças reinantes no mundo, só por elas, muitas vezes, não provocam.

Saibam os meninos e meninas, senhoras e senhores, que passam os dias de telemóvel na mão com mensagens para lá e para cá, que o *Famoso* (a modernidade até confirma a justeza do apelido!) já o faz há mais de sessenta anos. Só que as mensagens são de *matéria viva* que fere por natureza e acorda as consciências dormentes e estimula-as a regenerar tempos mortos. É o testemunho de tantos Leitores que, à chegada do jornalzinho, largam tudo para o ler. E o leque deles abre-se desde pessoas de poucas letras, mas coração grande, até doutores e generais da nossa praça.

Saiu há duas quinzenas o primeiro recado da presente campanha. E logo desde o primeiro nasceu a corrente de correspondências que o correio de cada dia nos traz e se espera vá engrossando. Ainda hoje, à saída da Missa dominical, um médico amigo dizia com alegre familiaridade: «Olhem que já fiz dois filhos novos para O GAIATO!» Que sejam bons «filhos». É a qualidade destes novos familiares o principal objectivo. Que sejam muitos, sim, mas interlocutores de um diálogo válido para melhorarmos o nosso mundo! Por isso, que cada proponente dê o seu jornal (ou dois ou três números dele — temos todos de saber esperar!) para que o conquistando se deixe conquistar e adira livremente por uma opção que o comprometa nesta ideia de que o mundo será melhor quando e quanto melhor procurar ser cada um de nós. O Jornal será o verdadeiro argumento, a mais capaz arma de vitória para que o fiozinho de água que já corre, se torne ribeiro ou rio que fecunde as margens.

Os Rapazes da Administração

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

O Issa é um dos nossos mais pequenos. Veio de África por ter problemas de saúde. Foi tratado e está recuperado, embora vá continuar a precisar de tratamento por fármacos.

De tudo o que ele encontrou em nossa Casa, por certo muitas coisas novas, houve uma que o amedrontou muito: os nossos cães. Nem os podia ver ao longe que logo ficava em pânico.

A pouco e pouco, com a palavra e pelo contacto nosso com os animais, o Issa foi percebendo que eles não eram o que ele inicialmente pensava.

Hoje, passados dois meses, já chama pelos cães, brinca com eles e deles é amigo.

O desconhecido é sempre causa de medo, ou pelo menos de algum receio. Avançar para ele, sem que brotem esses sentimentos, só é possível porque uma força interior ofusca totalmente o emergir desses sentimentos de defesa.

Deus é, para muitos dos que nos são próximos, um desconhecido, e isso é causa de medo para tantos homens do nosso tempo. Quanto mais desconhecido, mais afastado é da vida para que não seja causa de temor.

Numa certa parábola, Jesus falou de um homem que confiou os seus bens aos seus servos, para que eles os pusessem a render até

que voltasse da viagem que ia fazer. Um dos servos, com medo do seu senhor que tinha por rigoroso, escondeu na terra o talento que lhe fora dado, e lho entregou quando o senhor voltou, sem o fazer render. O medo paralisou-o, impedindo-o de fazer o bem; não conhecia de facto o seu senhor que lhe daria muito mais se nele tivesse tido confiança.

A vida do homem está marcada por muitos momentos em que sente medo ou a fraqueza das suas capacidades. Pai Américo chamava-lhe ter «o tino; a inteligência das coisas criadas.» Mas dessa fraqueza humana à confiança n'Ele, iam uns instantes muito curtos: «Deus tira-me o tino e dá-me a sua lou-

cura. Os problemas de todos, e o meu também, ficam num instante resolvidos. — Homem de pouca fé, porque duvidaste?!»

Esta é a resposta para os medos do homem de hoje no que o refere a Deus: porque não o conhece, não tem confiança nem fé n'Ele.

O Issa, no início, ficava estarecido só ao ver os nossos cães. Mas com a nossa ajuda encorajadora foi avançando no conhecimento desse desconhecido... E tornou-se amigo daqueles que antes o deixavam petrificado.

O homem precisa de quem lhe mostre o rosto de Deus. Conhecendo-O adquirirá confiança e d'Ele se tornará amigo porque Deus é bom. □

Isto é a Casa do Gaiato

É o tema da nossa Festa que se aproxima rapidamente, marcada para o dia 27 de Março, à tarde (16 horas), no Coliseu do Porto.

A fama das grandes Festas dos Gaiatos, naquela sala de espectáculos, em tempos passados, deixa-nos algum temor: é o tino das realidades! Mas é a loucura de Deus que nos põe neste caminho e, num instante, fica tudo resolvido.

Será uma Festa em que falaremos de nós, como sempre aconteceu, para que falemos d'Aquele que dá vida à nossa vida, e assim cumpramos o mandado — fazermos render o talento.

Esperamos a participação das outras Casas do Gaiato, para que a riqueza a transmitir seja maior. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

SOLTEIROS — Por coincidência, ou talvez não, das pessoas que acompanhámos e que fomos visitar no final do ano, foram quase todos casos de pessoas solteiras. As situações são diferentes umas das outras em vários aspectos. Há os que não têm família nenhuma por perto e há os que a têm. Há os que vivem em casa da família, e os que estão em casa alugada ou do Património dos Pobres. Há os que têm bons hábitos de higiene pessoal e de aseo doméstico e os que os não têm. Há os que têm uma pensão de reforma conseguida, alguns casos, com intervenção dos Vicentinos e os que poucos ou nenhuns rendimentos têm neste momento. Apesar destas diferenças, há um traço comum. De um modo geral, são pessoas que foram parar a esta situação familiar muito em resultado de alguma forma de desequilíbrio: deficiência física ou mental, alcoolismo, etc. Em meio urbano, casos destes, por vezes, vão engrossar a população dos sem abrigo. Por aqui fazemos os possíveis para que nunca haja pessoas sem abrigo. Não havendo alternativa melhor, temos sempre esse recurso precioso que o Pai Américo nos legou que é o conjunto das casas do Património dos Pobres, património esse do qual vamos cuidando o melhor que podemos com a ajuda dos nossos leitores.

Da maneira como vão os tempos, por razões que todos conhecemos, é provável que tenda a aumentar o número de pessoas isoladas do género das que atrás referimos e outras: divorciados, pessoas viúvas sem família por perto, pessoas que perderam o emprego em idade que torna difícil encontrar nova ocupação e para quem, a partir daí, a vida se torna cada vez mais dura. Assim sendo, vai ser cada vez mais preciso haver quem ajude estas pessoas, de maneira a que passem o resto dos seus dias em condições de vida condignas. Como atrás já referimos, passa por aqui algum do nosso trabalho que vamos fazendo com a vossa ajuda.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

PAÇO DE SOUSA

ANO NOVO — Como todos os anos, a maioria dos Rapazes foi fazer a passagem de Ano Novo com a família de sangue. Partiram no dia 29 de Dezembro, e regressaram nos dias 2 e 3 de Janeiro. Vieram contentes e a contar como foi a sua passagem de ano, com os seus familiares e amigos.

Desejo a todos os nossos leitores um bom Ano de 2010!

ESCOLA — O segundo período começou com a esperança de que corra melhor que o anterior e que os Rapazes se esforcem para que assim seja. No final esperam-se melhores resultados do que tiveram no período anterior.

BAR — O nosso bar anda em obras, há já algum tempo. Todos nós aguardamos, curiosa e ansiosamente, para ver como irá ficar no fim dos melhoramentos que está a receber.

Se os nossos amigos quiserem ofertar material para o nosso bar: Iremos precisar de uma pequena máquina de lavar louça, de duas pequenas mesas, cadeiras e de um bilhar *snooker* para a sala de jogos. Agradecemos antecipadamente.

Tiago («Pitinha»)

DESPORTO — *«A nossa Casa, aos Domingos, é um inferno... sem penas. Os cozinheiros costumam pôr ao pé do fogão, sobre um banco, a grafonola. Os refeiteiros ligam o rádio para o refeitório. Do campo de jogos, sobe o barulho da bola».* — Pai Américo.

Hoje, não é igual, mas é parecido...! Aos sábados e domingos, não é um «inferno...»; é um paraíso... com os cozinheiros sem grafonola, mas com os ouvidos tapados a ouvir MP3; os refeiteiros copiam os da cozinha; e, aos sábados, o barulho do campo de jogos, esse, é infernal. É uma alegria! Quem tiver dúvidas, que venha ver — e não precisa de avisar!

Esta semana, recebemos uma das melhores equipas da A. F. Porto, os Juniores do Folgosa Maia F. C.. Gente muito querida. Em relação ao jogo, não foi fácil; ora marcou tu, ora marcou eu! Senão, vejamos: «Garnisé» faz 1-0; Ilídio, 2-0; o Folgosa, 2-1 e 2-2; «Garnisé», em dia sim, fez o 3-2; o «adversário» volta a empatar. «Garnisé», que nunca se dá por vencido, resolve marcar novamente, e faz o 4-3; o quinto, sai dos pés de André «Espanhol»; e, o sexto e último golo da tarde, tem a marca registada do nosso «capitão» Rogério. 6-3, resultado final.

Uma semana depois, saiu-nos no «sorteio», a poderosa equipa do F. C. Porto. Que rica prenda de Natal! Chegaram cedo e bem dispostos. Outra coisa, não era de esperar. «Vir à Casa do Gaiato, é, para nós, um prazer» — palavras do director da SAD, e dos restantes elementos da comitiva, incluindo o treinador, Capucho. Se para eles é um prazer, para nós, é um orgulho receber o F. C. Porto, assim como todas as equipas que nos visitam.

Um jogo que começou bem, se tivermos em conta que, chegámos a estar empatados a duas bolas. Os nossos Rapazes, são capazes do melhor e do pior. Mas desta vez, não foram suficientemente inteligentes, ao não porem em prática o que tão bem sabem fazer. Ficaram a léguas do jogo de Viana; e outros. Deixaram-se «encandear» pela cor das camisolas e, jogaram mais com o coração do que com a cabeça. Abílio, Pretinho e António Pedro, ainda fizeram o gosto ao pé, mas de nada serviu. «A quem sabe nunca esquece!» — como diz o ditado. 3-9, foi o resultado final. Claro, se tudo fosse ao primeiro toque, como se pede, não era possível disparate atrás de disparate, incluindo mais dois autogolos. No entanto, estamos a meio do campeonato, e acabámos o ano de 2009, com saldo positivo: 11 jogos; zero empates; 1 derrota e 10 vitórias. Marcamos 64 golos e sofremos 27. Não está mal, pois não?! Perder com o F. C. Porto, até nem é nada do outro mundo! O que parece não ser deste, são os sorrisos malandros...!

Nota positiva para o Joaninha e Ricardo Sérgio, que saíram ao intervalo, para dar lugar a outros, supostamente mais fortes. No banco, e do lado de fora, todos são uns sabichões! Dentro das quatro linhas..., é que são elas! Jogar na hora do recreio e sem regras, todos são bons!

O árbitro, foi o nosso Paulo «Mudo», e o seu trabalho, não teve qualquer contestação. E esta, hein?!
Alberto («Resende»)

Pelas CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

Padre Acílio

UMA PECADORA — Foi assim que alguém enfiou num envelope cinco notas de 20 euros e nos mandou entregar por pessoa interposta. No subscrito escreveu: «De uma pecadora!»

Todas as esmolas que aqui vêm ter, são de pecadores. Naturalmente alguns renunciam com a intenção de alcançar misericórdia para as suas faltas. «A esmola cobre a multidão dos pecados.» — diz a Bíblia.

Achei genuíno este remetente.

Como a Igreja e as suas obras deviam insistir nesta forma de alcançar Misericórdia Divina.

Levada por uma mentalidade pagã, promove festas, espectáculos, almoços e jantares, entra-se na propaganda comercial, ou mesmo no jogo para arranjar dinheiro! Dá pena!... Parece que a Palavra Divina perdeu a força.

TUNNING — Um grupo de amigos pertence a esta organização de gente

que possui veículos extravagantes, pela antiguidade, pela forma, pelos arranjos, pelas luzes, etc.

Há anos que promovem, no espaço da Casa do Gaiato o seu encontro.

Os rapazes deliraram, o vazio da iniciativa é preenchido com uma campanha a favor da Casa. Este ano deixaram-nos 600 euros.

JUMBO — Diariamente a nossa camioneta vai buscar os produtos retirados da venda deste grande hipermercado. No Natal, o Jumbo organiza as prendas para os rapazes! Bons ténis para todos, à medida de cada pé, brinquedos de acordo com as idades, guloseimas seleccionadas por maturidade.

Há dias fui lá comprar um esquentador para dar a uma pobre. No pagamento não tinha dinheiro que chegasse e era necessário passar um cheque, de que o caixa, para o aceitar, tinha de pedir licença superior. Telefonou.

— Está aqui fulano para isto.

Resposta lá de cima:

— Ele que espere aí, que eu já vou.

— Queremos oferecer-lhe o esquentador!...

Pareceu-me ver o céu no hipermercado! Como é bom servir os pobres para abrir os corações!

Os nossos rapazes vendem lá o jornal e são alvo de muito carinho!

Viva ó Jumbo!

LIONS DE SETÚBAL — O clube promoveu mais uma vez a sua Feira da Ladra, numa sala do Instituto Português da Juventude e, no seu jantar de Natal, entregou-nos 5.000 euros.

Esta iniciativa comemora, no ano corrente, 25 anos, data que enaltece-mos, não só pela ajuda material, mas também pelo apoio cultural e social.

Bons amigos, sabemos como a Casa do Gaiato estimula o culto da vossa amizade colectiva. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

70 ANOS DA NOSSA CASA — A 5 de Janeiro, terça-feira, com afluência de muitas pessoas e entidades locais, foi inaugurada na Biblioteca Municipal Miguel Torga, de Miranda do Corvo, pelas 17.00h, uma Exposição sobre Pai Américo, a Obra da Rua, a nossa Casa do Gaiato e Antigos Gaiatos, com quadros, livros, fotografias e documentos antigos, para lembrar, em especial, os seus primeiros passos. A mostra esteve patente ao público até dia 12 desse mês.

NATAL DE JESUS — No Natal deste ano, na nossa Casa, esteve toda a Família reunida, como é tradição. A sala de jantar foi preparada para a ceia de Natal, com beleza.

Da cozinha, orientada pela senhora D. Nazaré, pelas 20.00h, foi bem servida a refeição de batatas com bacalhau e couves. Na sobremesa, houve bolos e arroz doce.

Pelas 23.00h, na nossa Capela, cheia

de fiéis, celebrámos a Missa da noite de Natal. O Malam (com 3 anos) representou o Menino Jesus. Depois, no refeitório, bebemos leite com doces e recebemos as nossas esperadas prendas. Entretanto, fomos muito alegres para os nossos quartos.

Pelas 10.00h, participámos na Missa do dia de Natal de Jesus, nosso Salvador!

NOVO ANO — Para começarmos bem o início de 2010, celebrámos a Eucaristia de Santa Maria, Mãe de Deus, pelas 10.00h, na nossa Capela. Desejamos que o ano novo seja de trabalho, saúde e paz, para todos!

FÉRIAS DE NATAL — A 3 de Janeiro, regressaram de férias, em casa de alguns parentes, vários Rapazes. Esperamos que venham dispostos a merecer os dias que gozaram; alguns para melhorarem o seu comportamento

e disposição para as obrigações. Nesses dias, outros Rapazes ficaram na nossa Casa.

PADRE CARLOS — O nosso Padre Carlos, que reside no Lar do Gaiato do Porto, esteve alguns dias connosco, na passagem do ano. Desejamos-lhe muita saúde.

AGRO-PECUÁRIA — Chegados ao final do ano, continuou a chover e houve muito vento. Depois da apanha das azeitonas, teve de se arrumar e limpar parte da carpintaria, onde se tratou e armazenou a colheita. A seguir, aproveitou-se para serrar alguma lenha, que estava no barraco. E começou-se a poda das videiras, de mesa, no arruamento entre o pomar e a horta. Continuaram-se a desfolhar espigas de milho, para ser debulhado. Uma porca está prestes a parir. O veterinário veio tratar da situação. □

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Bem-hajam por tudo o que têm feito por tantos, dentro dos quais me incluo. Que a Obra continue a progredir, apesar de todas as vicissitudes por que tem passado.»

Assinante 14030

«Em virtude da minha irmã ter falecido assim como o seu marido, pedia que a assinatura passasse para o meu nome. Esta assinatura já vem do tempo de meu pai. Quando Pai Américo vinha passar férias a Vila Nova do Ceira, chamava-nos e dava-nos pão com mel. Recordo ainda as palavras que ele me disse, quando fui para Luanda trabalhar na Casa dos Rapazes, como professora. Deu-me muitos conselhos que me foram úteis. Já tenho 84 anos. Gosto muito de ler O GAIATO, e Deus me dê vista para o ler muito tempo.»

Assinante 434

«Neste ano sacerdotal, e tendo acabado de ler, tanto quanto sou capaz, o 'Famoso', aqui vai uma resposta aos vossos 'ecos' de vida generosa que tendes na Obra da Rua. Que bom seria neste ano

aparecessem mais algumas vocações de serviço para esse trabalho. Nos meus 84 anos de idade e 61 de trabalho, ainda que agora com muitas limitações, esta modesta 'lembrança' e a certeza da oração por vós: eis a minha 'presença'.

Assinante 11694

«Que as Casas do Gaiato, Obra de Deus — que tiveram em Pai Américo, e têm nos seus continuadores, os grandes obreiros do Senhor — continuem a ser o oásis vivo, refrescante, no meio desta sociedade que, lamentavelmente, parece ter esquecido o verdadeiro Amor — os verdadeiros valores.»

Houve quem tentasse denegrir e pôr em cheque o quanto de bom e válido se faz na vossa Obra. Parece-me uma manobra de diversão, para afastar as atenções de outros, e mais graves, acontecimentos. Como os homens, às vezes, são tão mesquinhos e mal informados! Graças a Deus, nada conseguiram; nem podem porque, felizmente, ainda nem tudo, nem todos, estão contaminados e apodrecidos, moralmente; e todas as Obras que

nascem e crescem com raízes na Doutrina do Senhor, prevalecem — vencendo a ignomínia e o mal.

Assinante 13621

«Louvo muito a vossa Obra e peço a Deus que vos continue aabençoar, pois, nos tempos difíceis que atravessamos, infelizmente há poucas famílias — Famílias. O apoio que dão é muito importante.»

Assinante 12065

«O vosso Jornal serve-me de meditação para enfrentar as agruras da vida. Muito obrigado.»

Assinante 50505

«Caros amigos Gaiatos e Padres e todos os que trabalham para que essa maravilhosa Obra continue. Obrigado pela simples leitura que recebo, enquanto viva for, tratá-la-ei como uma das melhores amigas que já conheci. Deus vos abençoe e mande mais corações disponíveis, para que essa Obra não tenha fim. Que o Senhor vos fortaleça, as maiores bênçãos dos céus para essa grande família.»

Assinante 36030

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Aflições

TANTOS problemas que gostaria, quinzena a quinzena, ter solucionado. A começar por notícias para O GAIATO, cujo envio por e-mail já falha há três meses. Como falha o telefone móvel que nos atraiçoa todos os dias. É tão irritante que torna a minha irritação sinónimo de velhice e cansaço. Há que desabituar deste meio de poupança de tempo e passos, mas o problema tem raízes que raíam o absurdo da comercial propaganda e deixam o cliente de lado. Nem sei como alunos há, que conseguem informar-se por essa via, no aperto dos exames.

Temos notícias melhores que de muitas Escolas. Dos quatrocentos e oitenta alunos da sétima, décima, e décima segunda, mais de trezentos e cinquenta aprovaram. Passou de setenta e cinco por cento.

Olhando para o que se passou por todo o lado, há que louvar os nossos professores e dar graças a Deus pelos que em nossa Casa na Massaca e nas outras Aldeias, vão emergindo da ignorância e abrindo horizontes, para que a inteligência de tantos jovens

desanuviem e se manifestem os valores intelectuais que há neles, para que a discriminação exercida pelo poder político-económico vigente se desvaneça, como a nuvem que o vento levou.

O valor intelectual não é ainda crédito para o país. Qualquer que sai da universidade pensa logo no emprego, para superar a própria sobrevivência, arranjar um lote de terreno, construir um barraco. A casa fica um sonho adiado. E está um problema difícil arranjar terreno para isso. Para o norte a cidade estende-se até ao termo e muito mais para o nosso lado, que leva quarenta quilómetros de extensão. Se um dia se abre a ponte prometida para a Catembe, será, não apenas o fim do desespero de quem está isolado, pela caducidade do transporte marítimo, mas a última esperança de quem vê na capital o único lugar para o desafogar da vida.

Entretanto Moçambique é tão grande, que se a sua gente descobre condições de emigrar para o norte, a capital fica reservada ao Governo, aos Bancos, que serão sempre o centro dos negócios mais aliciantes e ao turismo.

Mesmo que apareça petróleo, há-de acontecer o mesmo que ao gás. Sai da terra e vai para longe. Ninguém mais vê nada.

O ouro e as pedras desorganizadamente extraídos, passam as fronteiras.

O carvão é que é tanto, mas tanto, que algo deve sobrar para o povo, nem que sejam uns salários menos maus para os operadores de máquinas e uns míseros mínimos para a maioria. Mas como dizem os defensores dos direitos humanos, “se toda a gente tivesse salário mínimo, Moçambique morria de fome”.

Não sei como encarar este mundo, na obsessão pelo poder e o dinheiro. Até em plena quadra natalícia se usam os mais Pobres para fazer propaganda do Partido ou do negócio ou dos dois ao mesmo tempo, que a oportunidade é única. Conseguimos escapar da armadilha, porque em nossa Casa outros valores se levantavam.

Era Domingo de Primeira Comunhão de um grupo muito bom de Rapazes e não podia haver opções. Por maior que fosse a oferta, não há maior que aquela que Cristo nos faz de Si Mesmo.

Os Rapazes entenderam e esqueceram. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Tempo de renovação

O novo ano começou. Há o ditado popular, cheio de significado, se for tomado a sério: “Ano Novo, Vida Nova”. Quem dera haja uma conversão sincera em nossas vidas! A referência é sempre o amor, alma autêntica da Justiça Social. O ponto de passagem é, necessariamente, a renovação das mentalidades; a renovação das atitudes; a renovação dos critérios de opção; e, finalmente, a renovação dos nossos compromissos de vida. Que seja um ano novo cheio de esperança, de paz e de alegria.

Estou a escrever num dia feriado, em Angola. É uma manhã cheia de vida. Mais duma centena e meia de escuteiros, vindos de Luanda, acamparam debaixo das mangueiras, junto das nossas casas. É a pujança da vida de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Um pequeno grupo de nossos filhos partiu para a praia, no meio de gritos de alegria. Vão passar uma semana, em casa emprestada, mergulhando nas águas dum mar calmo e de águas mornas. Mais outro grupo maior seguiu o mesmo destino, com regresso a Casa, ao princípio da tarde. Oxalá as crianças de Angola, a viver em condições de pobreza extrema e miséria, na sua maioria, pudessem gozar, neste novo ano, de mais dignidade e respeito. A esperança alimenta a nossa vida e nos dá a segurança necessária no caminho estreito e duro por onde temos que passar. Contamos com as vossas mãos cheias de amor. Queremos dizer o nosso Obrigado às amigas Odete e Carolina que nos enviaram diretamente, pelo correio, os cheques com a lembrança do Natal. Chegaram bem.

Alguém bateu à porta. Eram dois homens novos. Sentámo-nos. Um deles era o dono duma casa para alugar ao outro. Este, porém, não tinha dinheiro para pagar a renda e poder alojar a família. Resolvemos o problema com a ajuda para o aluguer da casa, durante alguns meses. A aflição, porém, não acabou. As casas, nos bairros periféricos da cidade, não têm condições, em geral, para acolher as famílias com o mínimo de dignidade. Pais e filhos vivem amontoados. Filhos e filhas vivem em promiscuidade alarmante. O futuro destas crianças reflecte, muito cedo, o seu modo de viver, nesta fase da sua história. É um horizonte muito escuro, diante dos meus olhos. Convido-vos a partilhar comigo esta visão. E depois? Não tenhamos medo de perder, quando damos por amor. Ao descer as escadas para sair, encontro um pai de família, à minha espera. Disse-me que trazia uma grande preocupação. Tenho tantas, pensei comigo! Abriu a boca e contou-me tudo. Está a viver com a família numa casa de aluguer. Vai ficar sem habitação, porque o dono veio do “mato” e precisa da casa. E agora? Descobriu um terreno para construir a sua nova morada, mas não tem dinheiro para o comprar. Meu Deus! Não há outro remédio senão lançar as mãos ao fundo, até encontrar o necessário para lhe dar. Assim vai acontecer.

Mas, casos como este não têm conta. Vale a pena investir nos que aparecem à vista, no meio da multidão? Sim! Enquanto houver famílias para salvar, não podemos cruzar os braços. É um aguilhão que não nos deixa adormecer no egoísmo e na indiferença. Se cada um de nós fizer o que pode, teremos um mundo novo. □

seu tempo. Não podemos obrigá-lo a mais. Não puxemos demasiadamente pelo fiado, que a teia pode quebrar; e estes rapazes são todos fracos, muito fracos!

IMPERFEITA como é, aonde está a originalidade e o rendimento social da Obra?! Aonde? No espírito que a informa. Espírito cristão. O Evangelho. Nós servimos. Nós somos servos dos rapazes que nos procuram. Para eles o melhor. Pois se tudo quanto nos dão é por amor deles, como não havemos de assim praticar? Quando, há tempos, alugámos uma casa na cidade do Porto para ser o Lar da Obra, foi ali um dos nossos orientadores escolher e designar aposentados. As melhores salas para eles. Escolheu bem. Nós somos os servos. Mas não haverá perigo de abusos? Não subirá o sapateiro acima da tamanca? Não sobe. Não há perigo. É o Evangelho. O que afasta os homens não é o amor. O que os divide não é o espírito do Evangelho. Tanto mais eles nos amam quanto mais se sentem amados. Assim é que é, Nós somos os servos.

OS Césares dominam e exercem o poder sobre os seus vassallos. Está assim determinado. É o espírito do mundo. Nós observamos o panorama e colhemos os frutos deste sistema. Porém, os que são de Cristo, fazem como Ele fez e ensinou: nem pela força, nem pelo poder. Dominar, não. Servir. Aquele de entre os mortais que quiser ser verdadeiramente grande, esse faça-se servo e sirva os seus. É este precisamente o espírito da nossa Obra. Se procurássemos dominar os nossos rapazes, também eles haviam de procurar, pelos seus meios, fugir ao domínio. Assim, se às vezes algum nos foge, quase sempre regressa. E todos se prendem por si mesmos numa Casa sem prisões. Um dos últimos que quis fugir, passou por um grupo dos seus companheiros que trabalhavam no campo. Um deles levanta a voz e diz-lhe que não tardaria muito que o não tornassem a ver na Aldeia. Pois assim foi. Não tardou muito. Nessa mesma noite, à hora do Terço, o fugitivo estava de mãos postas fora da porta da Capela, rezando, sim, mas sem se atrever a entrar. E nunca mais fugiu.

Do livro *Doutrina*, 1.º vol.

DOUTRINA

Pai Américo

Outra vez
na Emissora Nacional

Gaiato são uma obra perfeita. Nada daquilo que é realizado por homens, pode ser coisa perfeita. Tem necessariamente de levar o carimbo da casa e este é justamente a sua imperfeição. Daqui nascem os erros, que se repetem. E, quando não fazemos os dos outros, temos os nossos por nossa conta. Quantos homens de idade não gostariam de recomeçar a vida para seguirem por outro caminho... a praticar outros erros! Somos imperfeitos. Esta característica do homem, sentida por ele mesmo, é uma força que o equilibra e o leva a ser manso, a ser humilde e a não julgar os mais. Sim. Nós somos imperfeitos.

FALANDO-SE agora desta nossa Obra que se chama da Rua e é por natureza para servir os rapazes da Rua, como poderia ela ser perfeita, se é composta, de princípio, por elementos da Rua? — como?! Há-de necessariamente haver muitas e muitas deficiências. Não se pode esperar que cada um dos nossos dê boa conta de si. Por isso mesmo nos contentamos com um mínimo. Números mínimos. Progressos mínimos. Exemplo: Fui há dias chamado para acudir a uma desordem em Miranda do Corvo. O rapaz de quem se tratava era dos maiores. São idades muito difíceis para eles e para nós — «Filhos criados, trabalhos dobrados». Nós escolhemos estes trabalhos, para fazermos obra completa. Pois bem. Uma vez na Casa onde houvera o barulho e quando ia a entrar na quinta, vejo em pleno campo, vergado sobre uma enxada, o nosso turbulento. Andava sozinho, verdadeiramente ocupado, muito contente. Com este esforço do rapaz me contentei. Pelo trabalho voluntário, há-de ele corrigir-se a

A Criança é um ser que nos merece tanto, que por muito e muito que dela se fale, é sempre muito mais o que fica por dizer. É uma fonte graciosa e inesgotável. Há um ror de anos que nos vimos ocupando a revelar aos homens de boa vontade toda a sua riqueza. A criança dos caminhos. A do tostão. Aquela que procura carinhos e deseja ser amada. É esta justamente a que nós revelamos, por ser justamente a que melhor conhecemos — e é desconhecida!

NÓS podíamos ser simplesmente o pregador de uma doutrina e já isso era muito; mas não. Nós vamos mais longe. Nós abrimos e mantemos e educamos no amor de família as crianças sem família. O rapaz sujo, o malcriado, o repelente, o vicioso; aquele que não tem no mundo quem por ele se interesse — eis o nosso rapaz. Esse pertence à nossa família. Nunca se levantou Obra em Portugal que tanto tenha feito chorar e tremer! Porquê? Nada de especial. Nada estudado nem premeditado. Damos à criança o que ela merece e está tudo dito. Que ela fale à vontade. Que apanhe flores nos campos. Que ameigue os animais domésticos. Que beba leite por taças, coma pão às fatias, tenha mesa aseada, cama bem feita, conselhos a tempo — tudo isto são bens seus e ela tudo merece.

Quem ajudar a saldar esta dívida, é feliz. Um Povo que trabalhe seriamente por tirar da lama das ruas as crianças que ali se sujam, esse Povo lava-se. É preciso que nenhum de nós tenha paz enquanto houver crianças a dormir nos beirais.

AQUI há tempos chegaram a uma das nossas Casas dois farrapões com uma carta na mão. Um senhor tinha dado com estes dois rapazes enregelados, no portal da casa onde dormira e ficou por tal forma impressionado, que tudo quanto na carta me disse, eram o frio e a fome e o desconforto que ele sentia no peito, fazendo assim suas as amarguras daqueles desditos. Aqui temos um exemplo de como nos havemos de portar para com a criança de terras de ninguém. É a lição do bom samaritano que se perpetua através dos séculos. Jesus Cristo é de hoje. Todo aquele que passa sem fazer caso, que nunca ergueu do caminho uma criança que chora, que não chora ele mesmo por não as poder levantar todas — esse, quem quer que seja, qualquer que seja a sua posição, por maior opinião de que desfrute, esse, digo, ainda não ouviu a lição do Mestre e, se o fez, não a compreendeu. Vegeta. Não vive. Não é discípulo de Jesus.

NÓS não vamos dizer a ninguém que as Casas do

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Fazer o Bem

QUERO dar conta aos meus amigos de quanto chegou a este lugar, mas, primeiro, em traços largos, como esta tarde me animou.

A chuva granizada, trazida por largas e sombrias nuvens, arrefecia as pessoas, as casas e as ruas, mas eu ardia de contente. Levava em nosso carro, uma mulher de idade, trapada e mal cheirosa. Várias vezes viera à Casa do Gaiato, queixar-se que a sua cadela lhe havia roído os óculos e, sem eles, não via nada. Muito trôpega, «enarcada» num tronco alto, cabelos desalinados sobre os olhos remelentos, metia dó.

Uma destas tardes, encontrou-me em casa, trazendo já o orçamento e a receita, com umas armações dadas. Peguei nela mais a companheira, e fomos ao oculista.

«Então?», disse-me o senhor com ternura. «Olhe, hoje calhou-lhe a si», respondi.

Fui agora com as duas, buscar os óculos e pagá-los. O oculista levou-me um décimo do orçamento e um sorriso rasgado. Como o bem faz bem!...

A mulher não cabia em si de contente e eu em fogo pela força desta hora e a presença escondida do Divino.

Os pobres «são evangelizados», mandava Jesus dizer a João Baptista! Esta é pregação que toda a gente entende e os pobres muito melhor!

«Que Deus lhe dê muitos anos de vida!» — repetia em cada solavanco do carro.

O veículo ficou a cheirar mal, mas eu com a alma perfumada.

Começo por Coimbra, onde o Património assentou arraiais. Com um lindo cartão de boas festas, a quantia de 3.000 euros, e: «Minha irmã entregou a alma ao Senhor confiando-me as suas disposições e vontade. Estas incluem o funeral mais modesto possível, revertendo para os pobres a diferença deste para o mais caro possível. Contas feitas, cabem três mil euros aos que mais precisam».

Esta carta é luz que brilha nas trevas deste tempo de Epifania.

Quem se prepara durante a vida, para gozar, no fim dela, um desejo destes? Quem? É melhor não

fazer perguntas, com a admiração expandida, actualmente, por funerais luxuosos, e neles igrejas cheias de flores. Como o mundo é vão!... Como falta luz nos corações!... E gratidão sobrenatural!... Parece que tudo se paga neste mundo! Como falta Deus!

Um sacerdote de 84 anos mandou cem euros e: «Que o Menino continue a dar-lhe fortaleza para o trabalho do Evangelho entre os mais pequeninos e os mais pobres». Retribuo com admiração o seu abraço.

De Coimbra, Avenida Calouste Gulbenkian, 600 euros: «Para a nobilíssima obra a que se devotou — Património dos Pobres».

Da Mealhada, chegam cem euros: «Para a ajuda da resolução de tantos problemas».

Coimbra continua, com a Ester a mandar cinquenta euros, e a Irene, cem. Estampa de uma gravura do Padre Nunes Pereira com a Virgem e o Menino, 300 euros. Maria Adelina, 100 euros. Metade, de outra Irene. 150 euros, do Arménio. 100 euros, do Afonso, todos os meses e 300 da Maria Madalena a dizer-me que metade são da Maria Amélia. A Fernanda, a Maria José e a Ana Rosa dão 100 cada uma.

Macedo de Cavaleiros, vale de 500 euros, da Covilhã, Isabel Maria, 150, e Maria de Lurdes, 50.

A pedir «a bênção do Menino para todos os meus pobres, de Leiria», 250 euros.

Quarenta, da Lídia, 10 da Alzira e 50 da Maria Oliveira. De Santo António da Charneca, 50, de Fridão, 100, e de Gavião, 200. Dos Carapelhos, 50 euros, e a mesma quantia de Esmoriz.

Vinte, de Infesta, 300 de Vilar do Paraíso, com intenções de Missa, e de Arouca, mais 50. Cem, da Maria Guilhermina, de Mem Martins.

«Desejando um Santo Natal para todos os que se preocupam com o sofrimento alheio e o procuram minorar», 100 euros.

Transferências bancárias para a conta do Património: Do João Maria, 70 euros, todos os meses. Da Emília Liliana, 100 euros com idêntica regularidade. Do José Eduardo, mil. A mesma quantia da Maria Luísa.

De Mundão, 150 euros. Lamego, assinante 10419, quinhentos euros «para a cancerosa, com 4 filhos pequenos».

Do Porto, João Ribeiro, 100 euros. O mesmo de Adelino e da Maria Olímpia. Lúcia, 250. José António, «não fico indiferente ao Património» e, saca 250 euros. Dolores, 200, com a alegria de que «o meu marido também participou nesta oferta». Os pobres também unem os casais. Da Rua Nova de S. Crispim, mais 50 euros.

Braga, 250 euros. Vila Nova de Famalicão, 70 euros, e: «Nesta altura do ano meu pai começava a dizer: 'É preciso mandar qualquer coisinha ao Padre Acílio'. Hoje, embora com alguma dificuldade, repito o que ele nos ensinou».

De Sesimbra, 25 euros. Loures, 200 euros, lembrando o marido.

Lisboa, Portela, 100 euros. Duzentos da assinante 31082 que «começa sempre a ler o Gaiato, Património dos Pobres».

Maria de Lurdes, de Campo Grande, 100, e outra Maria de Lurdes, de Moscavide, 300. Tiago, mais 5.000. Teresa, da Ramada, 100. Graciana, continua a lembrar o seu tio padre, amigo dos pobres, 300 euros. «Para os três casos do Património», 150 euros. Maria Graziela, 40. Maria Ana, 200. Francisco, 500. Maria da Conceição, 20; e 300, da Maria Teresa, do Estoril.

Largo de Samuel Dinis, um poeta meu colega do Seminário, termina assim três quadras do Natal 2009: «Mas eis que o pobrezinho abandonado, / com pasma e à luz de toda a gente, / dormia agora calma e docemente / no lugar que Jesus tinha deixado». 250 euros.

Do Estoril, outra vez o Guilherme, 3.000 euros. Do Pragal, Maria Fernanda, 200. Rua Cidade da Beira, 500. Amigos muito íntimos, de Cascais, 215. Rua João, de Lisboa, 50. Outra amiga, a viver num lar, em Caneças, 50. De duas irmãs, uma doente, 100 euros; e a Maria Luísa, de Rio de Mouro, 50. De Torres Vedras, 100; e de A-dos-Cunhados, 250 euros. Redondo, 20, de Castelo Branco, 250 euros. Mais 650 euros, de São Pedro do Sul; e finaliza Setúbal, com 300 euros.

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

**Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 Setúbal. □**

CORRESPONDÊNCIA DE FAMÍLIA

«Avizinha-se mais uma quadra natalícia.

Fui ao musgo e dispu-lo no presépio. Está a gruta com a Sagrada Família e os animais de que a História fala. Dois pastores e um rebanho disperso.

Para lá dum pinheirito, arrastam-se os Reis Magos. Um boneco de homem simples leva nos braços um peru, para oferecer, e um outro toca flauta.

E é tudo. Bem destacado na sala. Com heras em rodapé.

O André, nos seus três anos e quase meio, olha, re-olha... Contou que há nove ovelhas. Sabe que não deve mexer, mas não resiste!

Bem lhe digo que os Reis Magos têm de estar mais afastados, porque ainda é cedo para os aproximar da gruta. E ele «que não! Que têm de estar todos ao pé de Jesus».

E fica encantado a olhar o presépio! «Mãe, quero ir para casa do avô ver o presépio.»

Assim... Como eu gostava que acabasse o Terço para correr a ver o meu presépio de menino, entre outros meninos.

Era a nossa única prenda de Natal, feita por nós, também com musgo natural.

Sinto lágrimas nos olhos.

Lágrimas de ternura.

Lágrimas de Natal! Pelos sem Natal.

Abraço muito amigo.

Um gaiato».

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo



A 7 de Janeiro de 1940, dia do Santíssimo Nome de Jesus, foram acolhidos na Casa de Repouso do Gaiato Pobre, em Miranda do Corvo, os primeiros Rapazes, na sequência das Colónias de Férias do Garoto da Baixa de Coimbra, desde 1935. Agora, que a nossa Obra comemora 70 anos da fundação desta Casa do Gaiato, pela pena profética de Pai Américo, aqui vai um belíssimo naco de prosa, do opúsculo *A Porta Aberta* (1952), com viva actualidade:

“Eis aqui a primeira palavra da hoje *Obra da Rua*. Começou-se na freguesia de S. Pedro d’Alva, concelho de Penacova, em Agosto de 1935. Nós fomos os pioneiros. Havia já, ao tempo, colónias de mar. De montanha não senhor. Até 1939, era em que nos estabelecemos definitivamente em Miranda do Corvo, andámos por casas emprestadas com este serviço de dar pão e sol e amoras a centenas de rapazes das ruas, durante os meses de Julho a Outubro. Nunca nos faltou nada e das sobras, distribuíamos aos Pobres daqueles sítios. Dos nossos livros de registo, vêem-se na casa dos mil, os rapazes que beneficiaram. Uns passavam palavra e traziam outros. Nunca exigimos vacinas nem tínhamos medo de doenças contagiosas. Era a boroa caseira. Era o caldinho quente e bem adubado. Era a resina de pinheiros; e o amor do próximo, nomeadamente da criança sem lar. Aonde houver este amor, há necessariamente o olhar de Deus. E isso bastava-nos.

O que hoje se chama *Obra da Rua* nasceu no lugar de Bujos, freguesia de Miranda do Corvo, a 25 quilómetros de Coimbra, no dia 7 de Janeiro de 1940; e tinha outro fim. Chamou-se primitivamente Casa de Repouso e com este destino se instalaram na graciosa vivenda os três primeiros doentes. Antes de comprar, eu pedi ao Senhor Doutor Lúcio de Almeida e ele veio na minha companhia tomar alturas do sítio e da casa. Viu e disse que sim. Aos três primeiros seguiram-se outros, que eu topava pelos sítios aonde gastava o meu tempo. Eles tinham cara de fome e pediam-me pão. A mãe lavava roupa no Mondego. Do pai não sabiam. Tinham ficha no dispensário... Era mais um que se ia juntar e tornar-se amigo dos outros que já moravam na *Casa de Repouso do Gaiato Pobre*. Foi este o nome de que me servi para elaborar os primeiros estatutos da Obra. O nome de *Gaiato* não foi recebido, sem uma natural ou qual relutância. Também o alvará não me foi concedido às primeiras; o então Ministro do Interior mandou saber das possibilidades da futura Obra, por intermédio do Governo Civil de Coimbra. A carta veio-me ter às mãos com uma série de questionários. Eu li e despachei: *A Obra já tem dentes*. E remeti o documento assim informado.

Estávamos com uns quinze doentes na casa, quando se torna necessário mudar de governanta. Até ali vivíamos no clássico sistema de criados; havia deles na pequenina quinta e deles na cozinha e no refeitório e nos dormitórios. O rapaz da rua, mal chegado a casa, passava a ser um menino estimado em que nem as moscas haviam de pousar. Era assim a Casa de Repouso, berço da Obra. Era assim que a governanta queria. Assim se fazia (e faz hoje) em todas as casas de assistência. Eu cá não me parecia bem o que via, mas era sozinho. É muito difícil abrir sulcos na rotina. Os interesses criados gozam de muita força e não faltam razões que os aplaudam. Eu era sozinho. Veio nova governanta e com ela novos caminhos. Esta senhora, apenas inteirada dos usos e costumes, começa por despedir os criados e as criadas, a quem chamou gente a mais. Ficou ela sozinha com os quinze rapazes. Trocou-se por trabalho o nome de repouso e ficou sendo única e simplesmente a Casa do Gaiato. Nova era. Vida plena. Saúde e alegria. Os velhos processos continuam em outras obras de assistência. Por amor do rapaz eu sofro. Desejaria libertá-los. Dizer a cada um quem ele é, quanto vale e o que pode. Sim; desejaria. Mas é impossível. Contra decretos não posso nada; eles contam-se por milhares.

No fim do segundo ano, que foi Janeiro de quarenta e dois, os novos habitantes mal cabiam dentro do berço.” □